

SECRETARIA DE EDUCAÇÃO E CULTURA
SECRETARIA DE CULTURA
MUSEU DE ARTE DO RIO GRANDE DO SUL
NÚCLEO DE DOCUMENTAÇÃO E PESQUISA

GRAVURAS DE ARTISTAS BRITÂNICOS NA DÉCADA DE 60

Patrocinador: DAC/SEC
MARGS
CONSELHO BRITÂNICO
INSTITUTO DE ARTES DA UFRGS

Local: Galeria de Exposições do Instituto de Artes
da UFRGS

Nº de páginas: 120

Período: 15 / 10 / 74 a 27 / 10 / 74

Localização:

SECRETARIA DA EDUCAÇÃO E CULTURA - RS
DEPARTAMENTO DE ASSUNTOS CULTURAIS - MARGS
CONSELHO BRITÂNICO
INSTITUTO DE ARTES DA UFRGS

*Têm a honra de convidar Vossa Excelência
e Excelentíssima Família para a abertura da mostra*

"Gravuras de Artistas Britânicos na Década de 60"

*dia 15 de outubro, terça-feira, às 20 horas e 30 minutos, na Galeria de Ex-
posições do Instituto de Artes da UFRGS, à rua Senhor dos Passos, 248.*

Período da mostra: de 15 a 27 de outubro.

*Esta exposição faz parte das comemorações do Biênio da Colonização e Imigração,
no Rio Grande do Sul.*

Porto Alegre, outubro de 1974.

Assinatura: C. P.
Data: 10 / 10 / 74
Página: Gráficos
Assunto: Britânicos

QUINTA-FEIRA, 10 DE OUTUBRO DE 1974

Museu de Arte mostrará gravura inglesa no I. A.

O Museu de Arte do Rio Grande do Sul, do Departamento de Assuntos Culturais da SEC, sob os auspícios do British Council, estará inaugurando no dia 15 de outubro, a exposição de Artistas Gráficos Britânicos da Década dos 60 (British Artist's Prints of the Sixties), na galeria do Instituto de Artes da Universidade Federal (Senhor dos Passos).

São 120 obras, entre serigrafias, litografias e gravuras em metal, que fornecem vista panorâmica da produção gráfica de representativos artistas ingleses, responsáveis pela atualização das artes visuais naquele país, a partir dos últimos dez anos.

Paralelamente, serão apresentados curta-metragens, na Assembléia Legislativa, em horário e data a ser oportunamente divulgados pela imprensa. São filmes baseados no trabalho de alguns desses artistas que participam da exposição — "Retrato de David Heckney", "Richard Hamilton", "A Obra de Allen Jones", "Kakafon" sobre as gravuras de Eduardo Paolozzi, e "História do Nada" dirigido pelo próprio Paolozzi.

A mostra dos artistas gráficos da Década dos 60, já foi apresentada na Colômbia, Venezuela e Peru, e no Brasil percorre as principais capitais, permanecendo em Porto Alegre de 15 a 27 de outubro.

O catálogo é prefaciado por um estudo de Christopher Finch, no qual os artistas componentes são situados em relação à arte inglesa de hoje, em sua variedade de rumos e manifestações. Da mesma forma o espectador é convidado a observar a coexistência dessas diferentes tendências, como a Pop Art, a Op Art, e outras. "Esses jovens artistas iniciaram por conta própria a elaboração de uma nova linguagem, cada um deles criando uma síntese pessoal das dezenas de diferentes idiomas desenvolvidos durante a afirmação do modernismo (seus heróis: Duchamp, Picabia, Arp,

Miró, foram aqueles que ignoram as distinções entre diferentes movimentos artísticos). Com esses artistas a ambiguidade tornou-se "status quo". Os expositores são Richard Hamilton, Bridget Riley, Gillian Ayres, Bernard e Harold Cohen, Robyn Denny, Gordon House, Tess Jaray, Mark Lancaster, Peter Phillips, Peter Sedgley, Colin Self, Marc Vaux e Joe Tilson, dentre eles alguns já se apresentaram outras vezes no Brasil, é o caso de Richard Smith, Grande Prêmio de Pintura na IX Bienal de São Paulo em 1967, Patrick Caulfield, David Hockney, Allen Jones, Eduardo Paolozzi, William Turnbull.

C. P. 10-10-74

Jornal: F. T.
Data: 14 / 10 / 74
Página: Gráficos
Assunto: Britânicos

Os gráficos britânicos e mais cinco individuais

A realização da exposição denominada "Gravuras de Artistas Britânicos na Década de 60" aparece como principal destaque nesta semana, ainda marcada por mais cinco individuais. Eis o que haverá para ver durante a semana:

FT. 14-10-74



O grafismo britânico nos anos 60

Significativa é a presente Mostra dos artistas gráficos britânicos da década de 1960, na Pinacoteca do Instituto de Artes da UFRGS e que é proposta do Conselho Britânico e conta com o apoio do DAC da SEC.

O que caracteriza a cultura e a civilização anglo-saxônica é o apuro do "fair play" e sua expressão que na arte se define pelo capricho, gosto, equilíbrio e sobriedade.

Aqui temos uma panorâmica de cento e vinte trabalhos gráficos, divididos entre a serigrafia e a litografia. O catálogo-roteiro da mostra é do melhor teor, o que nos dispensa de insistir no óbvio.

A introdução de Christopher Finch explica o ciclo e seu antecedente, condicionamento e processamento. A renovação temperada da Grã-Bretanha é paralela à que se nota em toda a comunidade das nações anglo-saxônicas, dos EUA e Canadá à Austrália. Nova criatividade e reformulação de experiências em decantação e isso verificamos do cinema, teatro, dança, música, artes plásticas e literatura, numa síntese de progressão sem refugio da tradição e experiências acumuladas e decantadas.

Gillian Ayres, de 44 anos, mostra 3 impressões serigráficas, de sentido pictórico. Patrick Caulfield, de 38 anos, tem seis impressões serigráficas de interiores, com caligrafismo linear e sintético. Bernard Cohen, de 41 anos, traz quatro litografias e quatro serigrafias. Harold Cohen, de 46 anos, contribui com sete serigrafias em linguagem de signos diferestes, com técnicas mistas sublimadas.

Robin Denny, de 44 anos, comparece com quatro suites serigráficas e Richard Hamilton, de 52 anos, mostra cinco impressões serigráficas de humor temperado e sardônico.

David Hockney, de 37 anos, contribui com quinze gravuras e aguatinas em cobre bem decantadas. Gordon House, de 42 anos, tem sete serigrafias em séries e matrizes em cores. Tess Jaray, da geração de 1937, reuniu três serigrafias refinadas com Enseada, Versalhes, e Minueto.

Allen Jones, de 1937, tem sete litografias, em que prima a erótica de DAISY, DAISY. Mark Lancaster, de 38, tem três serigrafias do abstrato-geométrico. Eduardo Paolozzi nascido em 24, está com dez trabalhos serigráficos de composições abstrativas e de efeito gráfico. Peter Phillips, de 39, apresenta seis serigrafias de figurações compostas dos tempos op e Bridget Riley, de 31, tem meia dúzia de trabalhos de gostosos e óticos fragmentos geométricos.

Peter Sedgley, de 36, está presente numa Série quadrupla de Espelho, de excelente serigrafismo e Colin Self da geração de 1941, contribui com três águas-fortes e seis serigrafias, primando com Objeto e Flores fora de foco. Richard Smith, de 31, com seis marcantes litografias e chegamos ao término com Joe Tilson, de 28, em seis serigrafias relevantes, e de configurações sutis, William Turnbull, de 22, com meia dúzia de litografias de sextetos, o ponto final cabendo a Marc Vaux, de 1932, com três temários serigráficos.

Eis, em síntese, o panorama de transição das artes gráficas tão características da Grã-Bretanha em sua azáfama nos idos de 1960.

Journal: C. P.
Data: 24 / 10 / 74
Pagina: Gráficos
Assunto: Britânicos

Mostra de artistas gráficos britânicos tem filmes amanhã

A Mostra de Artistas Gráficos Britânicos da Década de 60, que se estenderá até dia 27 do corrente, na Galeria de Exposições do Instituto de Artes da URGS, à Rua Senhor dos Passos, 248, será complementada com filmes de curta metragem baseados no trabalho dos artistas participantes.

Os filmes serão exibidos a todos os interessados, no Pequeno Auditório do Instituto de Artes, no 3.º andar daquele prédio,

amanhã, sexta-feira, às 18 horas.

Entre os filmes que poderão ser vistos na oportunidade estão "Retrato de David Hockney", "Richard Hamilton", "A Obra de Allen Jones", "História do Nada", dirigido por Paolozzi e "Kakafo", sobre as gravuras desse artista plástico.

Por outro lado, trata-se também da obra de artistas já conhecidos no Brasil através de peças que foram apresentadas na Bienal de São Paulo.

C. Povo - 24-10-74

Hoje, filmes sobre os gráficos britânicos

A "Mostra de Artistas Gráficos Britânicos da Década de 60", aberta na Galeria de Exposições do Instituto de Artes da Universidade Federal do Rio Grande do Sul até o domingo próximo, será complementada com filmes de curta metragem, baseados no trabalho dos artistas participantes.

Interessados devem se dirigir ao **Pequeno Auditório** do Instituto de Artes (terceiro andar), onde os filmes serão projetados a partir das 18h de hoje. **Titulos: Retrato de David Hockney, Richard Hamilton, A Obra de Allen Jones, História do Nada** (dirigido por Paolozzi) e **Kakafon**.

A OBRA DE ALLEN JONES

Colorido.
15 minutos.
Wessex-1965.
Universidade de Southampton.

Este filme examina as pinturas e litografias de Allen Jones, o conhecido pintor e gra-

vador. Mostra também detalhadamente o material de sua arte — fotografias, publicidade e objetos colecionados.

RETRATO DE DAVID HOCKNEY

Supervisor: Instituto Britânico de Filmes.
Produtor: David Pearce e a BFL Produtores.
Colorido.
12 minutos-1972.

Todo este filme foi rodado no estúdio do artista e sua sala de estar, em sua casa. Durante cinco minutos aparecem diversos estágios da pintura **Mr e Mrs Clark e Percy** (da coleção da Galeria Tate). Além disso, o filme também mostra



Bing Crosby: sonho de um natal branco, de Richard Hamilton, da mostra de gráficos britânicos

peças de mobiliário, vasos e objetos que foram retratados em recentes pinturas de Hockney.

Não há comentário e a conversa (que freqüentemente não está sincronizada com as seqüências visuais— como na parte mais longa que mostra o artista olhando fixamente para dentro da câmera) proporciona um informal mas verdadeiro "dia de vida de um artista entre suas pinturas e seu ambiente".

RICHARD HAMILTON

Conselho de Arte da Grã-Bretanha.
Colorido.
25 minutos-Maya-1968.
Richard Hamilton é geral-

mente considerado como um dos iniciadores do Movimento Pop Arte. Este filme mostra sua preocupação com a comunicação das massas, através de uma seleção de seu trabalho. É dirigido por James Scott.

KAKAFON KAKKOON

United Motion Pictures.
Colorido.
12 minutos-1965.

Dirigido pelo próprio artista, é inteiramente baseado nas serigrafias de Eduardo Paolozzi e das colagens que originaram as serigrafias. Entretanto, não é um filme sobre as serigrafias e sim ele as usa para produzir um fluxo caleidoscópico de co-

res e formas, tornando-se uma nova expressão numa comunicação diferente de idéias de Paolozzi. A música é uma parte integral do filme e foi composta por Elizabeth Luyens.

HISTÓRIA DO NADA

Eduardo Paolozzi.
Branco e preto.
14 minutos-1962.

Utilizando a mesma técnica de sua escultura com este filme, Paolozzi cria uma série de naturezas mortas, cada uma composta de colagens feitas de revistas velhas, catálogos, etc... O tipo de detritos que poderiam fascinar os arqueologistas do futuro.

GRAVURA INGLESA CONTEMPORÂNEA

- Uma exposição do Conselho Britânico -

Christopher Finch termina sua introdução do catálogo perguntando qual o interesse que pode haver numa exposição de trabalhos da década de '60 quando estamos quase na metade da década de '70. A resposta por ele dada é a seguinte: "Afora o intrínscico mérito das gravuras individuais, o período era transitório e de grande importância não somente na Grã-Bretanha, e nós podemos perceber o aparecimento de uma nova e diferente atitude em relação à arte devido ao novo estilo de vida da sociedade em geral. Mas é talvez de alguma validade destacarmos que, devido as mudanças na arte a qualidade do que foi feito anteriormente não está destruída e o mesmo critério não deveria ser aplicado como sendo o do último em moda".

A maioria dos artistas apresentados são conhecidos no Brasil - são na realidade mundialmente renomados. Apesar de a reputação de cada um esteja crescendo é conveniente que seus trabalhos da década de '60, que são de grande importância no desenvolvimento de cada um, devem ser mostrados juntos em uma exposição.

Esta exposição consiste de 120 gravuras de 20 artistas. Se apresentaram na Bienal de São Paulo os seguintes artistas: PATRICK CAULFIELD (1967), DAVID HOCKNEY (1967), ALLEN JONES (1967), EDUARDO PAOLOZZI (1963), RICHARD SMITH (1967), e WILLIAM TURNBULL (1967).

Os demais artistas são: GILLIAN AYRES, BERNARD COHEN, HAROLD COHEN, ROBYN DENNY, RICHARD HAMILTON, GORDON HOUSE, TASS JARAY, MARK LANCASTER, PETER PHILLIPS, BRIDGET RILEY, PETER SEDGLEY, COLIN SELF, JOE TILSON e MARC VAUX.

GRAVURA INGLESA CONTEMPORÂNEA

- Uma exposição do Conselho Britânico -

Christopher Finch termina sua introdução do catálogo perguntando qual o interesse que pode haver numa exposição de trabalhos da década de '60 quando estamos quase na metade da década de '70. A resposta por ele dada é a seguinte: "Afora o intrínscico mérito das gravuras individuais, o período era transitório e de grande importância não somente na Grã-Bretanha, e nós podemos perceber o aparecimento de uma nova e diferente atitude em relação à arte devido ao novo estilo de vida da sociedade em geral. Mas é talvez de alguma validade destacarmos que, devido as mudanças na arte a qualidade do que foi feito anteriormente não está destruída e o mesmo critério não deveria ser aplicado como sendo o do último em moda".

A maioria dos artistas apresentados são conhecidos no Brasil - são na realidade mundialmente renomados. Apesar de a reputação de cada um esteja crescendo é conveniente que seus trabalhos da década de '60, que são de grande importância no desenvolvimento de cada um, devem ser mostrados juntos em uma exposição.

Esta exposição consiste de 120 gravuras de 20 artistas. Se apresentaram na Bienal de São Paulo os seguintes artistas: PATRICK CAULFIELD (1967), DAVID HOCKNEY (1967), ALLEN JONES (1967), EDUARDO PAOLOZZI (1963), RICHARD SMITH (1967), e WILLIAM TURNBULL (1967).

Os demais artistas são: GILLIAN AYRES, BERNARD COHEN, HAROLD COHEN, ROBYN DENNY, RICHARD HAMILTON, GORDON HOUSE, TASS JARAY, MARK LANCASTER, PETER PHILLIPS, BRIDGET RILEY, PETER SEDGLEY, COLIN SELF, JOE TILSON e MARC VAUX.